

3.14 “Doces Memórias”: Relato sobre a construção da documentação museológica a partir de um livro de receitas

Camilo Cechinel Fontana

Graduando: Universidade Federal de Pelotas;
camilofontana@gmail.com

Cláudia Abraão dos Santos Celente

Graduando; Universidade Federal de Pelotas;
abraooclaudia71@gmail.com

Fabíola Mattos Pereira

Graduando; Universidade Federal de Pelotas;
fabiolapereira@ifsul.edu.br

João Pedro Peccini Rodrigues

Graduando; Universidade Federal de Pelotas;
peccinijp@gmail.com

Kamile Müller

Graduanda Museologia; UFPel
kamilemuller2003@gmail.com

Noris Mara Pacheco Martins Leal

Doutora; Universidade Federal de Pelotas;
norismara@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho visa destacar a importância de um abrangente esforço de documentação museológica, que considere em todas as suas etapas, metodologia consistente, levantamento documental e investigações aprofundadas. Tais procedimentos se apresentam como balizadores da organização, da catalogação e da construção das coleções museológicas. O artigo apresenta o percurso seguido durante a construção da documentação do livro “Doces de Pelotas”, editado no ano de 1959 pela Editora Globo. A atividade foi realizada na disciplina de “Documentação Museológica II”, do Curso de Museologia, da Universidade Federal de Pelotas, cujo produto, além da ficha catalográfica e do inventário, foi a organização de uma publicação detalhada nas redes sociais do Museu do Doce. Em todas as etapas a pesquisa bibliográfica se fez paralela a investigação de campo, que contemplou a realização de entrevistas, saídas técnicas, gravação e análise das informações. Reuniu-se um farto material, indicando que a imersão em campo, aliada à pesquisa bibliográfica e documental, se colocam como fontes essenciais do trabalho na área da Museologia.

Palavras-chave: Documentação Museológica; Pelotas; Doces de Pelotas; Livro de Receitas; Museu do Doce; UFPEL;

APRESENTAÇÃO

Neste artigo, relatamos a experiência da documentação museológica de um livro de receitas, realizada durante a disciplina "Documentação Museológica II" no

Curso de Bacharelado em Museologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Noris Leal. Neste relato, além de apresentar a metodologia empregada ao longo de todo o percurso, discutimos a importância da realização de procedimentos eficazes, que apontem para a comunicação museal, como resultado de um trabalho profundo e abrangente previamente realizado.

O ponto de partida da investigação se deu, a partir do livro “Doces de Pelotas”, doado ao Museu do Doce da UFPel, por Carmen Nanci Pires, em março de 2022. O desafio da construção da documentação do material se instaurou desde o princípio, uma vez que a documentação que se dispunha não apresentava maiores informações sobre o livro, a doadora e o contexto da doação.

Explorando detalhes a partir do termo de doação fornecido pelo Museu do Doce, iniciamos uma investigação minuciosa, debruçando-se num aspecto peculiar, a capa do livro. Essa abordagem detalhada ocupou uma parte significativa do processo de pesquisa de campo. Destacamos que todos os encontros da disciplina foram realizados no Museu do Doce, aspecto valioso para a formação profissional, uma vez que possibilita ao graduando a vivência das dinâmicas e a proximidade com as rotinas diárias de um museu. Naquela ocasião experimentamos a realização da descrição detalhada do objeto preenchendo a ficha catalográfica utilizada pelo Museu do Doce, realizamos saídas de campo, conversamos com a equipe técnica do Museu, compreendemos as dinâmicas de entrada dos objetos na reserva técnica e para além disso, vivenciamos o universo da pesquisa de modo muito próximo.

Destaca-se, portanto, que ao realizar esta experiência no espaço do Museu do Doce de maneira presencial (visto que a disciplina “Documentação Museológica I” havia sido ministrada de maneira virtual), nos permitiu a realização de práticas profissionais.

DESENVOLVIMENTO

A documentação museológica desempenha um papel central na gestão das coleções e na administração dos museus, oferecendo uma base sólida para a manipulação segura das informações relacionadas aos objetos nos acervos. Essa prática está alinhada com a política de gestão de acervos, que é parte integrante do plano museológico, conforme estabelecido pela Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto Brasileiro de Museus. O plano museológico integra o

planejamento de toda instituição museal, e deve definir a sua missão e a sua função específica contemplando diferentes itens.

A manipulação estratégica e organizada dos acervos que compõem as coleções de um museu é crucial para viabilizar efetivamente empréstimos, exposições e pesquisas. Independentemente de ser realizada manualmente ou de forma informatizada, uma gestão documental eficiente desempenha um papel fundamental. A documentação deve, além de retratar a história do objeto, apresentar as suas características, o seu estado de conservação, e também a sua vida, incluindo seu ingresso no museu, dentre outros aspectos.

Recorrentemente debatido, o lugar da pesquisa em museus não deve ser de subalternidade. Muito antes, a pesquisa, ao lado da preservação e da comunicação (difusão de conhecimentos) integra o tripé que dá sustentação aos museus. De acordo com o texto de Vinos Sofka (1978), menciona:

Sem pesquisa no campo no Museu [...] a função de coleta, registro e preservação seria incompleta e frequentemente impossível. Nem haveria qualquer conhecimento a ser difundido ao público. Na melhor das hipóteses, o museu seria uma coleção de objetos - talvez registrados, conservados e restaurados - mas não mais do que isso.

Desta maneira a pesquisa revigora o sentido da memória dos objetos, das coleções e por meio dela imprime uma renovação da vida que os objetos possuem ao longo de sua existência. É sabido que a pesquisa ajuda a compreender as marcas que ficam gravadas nos materiais que são expostos ao olhar. Se retirados da circulação é porque possuem importância para as sociedades em que fizeram parte e, por este motivo, certamente muitas camadas de história precisam ser removidas e divulgadas como parte de sua existência (que ocorre mesmo após ter sido retirado do seu circuito utilitário de existência).

Os objetos de um museu adquirem o status de documento quando passam pela experiência da musealização, ou seja, quando saem dos seus circuitos cotidianos como objetos "úteis" e assumem uma nova vida. Neste sentido, os objetos se transformam em documentos por apresentarem a capacidade do testemunho, da verdade e da materialidade. No texto de Nery et al (2020) temos que:

[...] os objetos, ao fazerem parte dos museus e passarem o processo de musealização, são considerados documentos: ganham uma segunda vida como patrimônio, uma nova chance, dando continuidade à sua biografia e

'vida social' (APPADURAI, 2008), têm esmaecidas suas funções utilitárias iniciais e incorporam novas camadas simbólicas e representacionais, passam a ser testemunhos, registros de uma história, conectando passado, presente e futuro e, ao mesmo tempo, servem como pontes para a evocação de memórias e no fortalecimento das identidades dos diferentes sujeitos e grupos.

A passagem de uma relação material utilitária para outra, na qual o objeto passa a ser o portador de memórias e significados que são acionados pelo público quando colocados em exposição. No texto de Maria Lúcia Loureiro (2019), quando se refere ao artigo de Maroevic (2004), temos que: "o objeto de museu é definido como "[...] um objeto da realidade, uma parte do patrimônio cultural móvel. Transferido para o museu, o objeto se torna um documento daquela realidade da qual foi selecionado".

Assim, os objetos de um museu se tornam documentos, ou seja, comprovações de existências vividas, de experiências sociais e culturais que plasmadas nos objetos traduzem sentimentos e memórias que desejam ser revividas pelo olhar, pela experiência do público. Os objetos dos museus são como pontes que ligam presente e passado, mas também nos lançam ao futuro. São uma imagem projetiva daquilo que queremos esquecer, daquilo que queremos e devemos lembrar.

A pesquisa, portanto, como espaço para a construção de novos conhecimentos adquire lugar central, pois permitirá uma constante revitalização das perguntas aos objetos, aos documentos que compõem os acervos dos museus. Cabe ao pesquisador "fazer falar" tais objetos, eles por si só não dizem nada, ficando mudos aos apelos de quem quer que seja. Somente quando investigamos, fazemos novas e constantes perguntas e nos debruçamos sobre suas marcas e histórias é que podemos romper com o silêncio, trazendo à tona a polifonia que contêm.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

ETAPA PRELIMINAR: FICHA CATALOGRÁFICA E PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Os procedimentos que integram um sistema de documentação eficiente, devem considerar 4 elementos, listados como: a) entrada (aquisição), b) organização e controle, c) registro e d) saída.

No Museu do Doce, a incorporação de documentos e objetos segue um protocolo rigoroso, envolvendo principalmente dois documentos essenciais: o registro no inventário e a ficha de catalogação. No processo de documentação museológica

em questão, a primeira etapa consistiu na avaliação do livro "Doces de Pelotas", com o registro minucioso de seus detalhes na ficha padronizada pela instituição.

Destaca-se que, ao fazermos o preenchimento das informações indicadas na ficha, necessitamos partir imediatamente, para a realização de pesquisa bibliográfica, a qual se fez inicialmente junto ao “Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Produção de doces tradicionais pelotenses” e, na sequência consulta à tese intitulada “A trajetória de uma construção patrimonial: A tradição doceira de Pelotas e Antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas”, de autoria da Prof^a Noris Mara Pacheco Leal (2019). Igualmente foi realizada pesquisa junto ao livro que estava sendo documentado, o qual foi digitalizado e passou a fazer parte da Coleção “Doceiras artesanais”, do Museu do Doce.

Na sequência foram feitas pesquisas em sites de busca, bem como no grupo de *Facebook* “Pelotas Antiga”, onde participantes daquela rede social indicaram pessoas que poderiam colaborar na investigação sobre o livro.

Os documentos obtidos nas pesquisas, passaram a integrar a documentação museológica do livro, bem como o desdobramento na comunicação sobre o assunto em redes sociais.

PESQUISA QUALITATIVA ACIONANDO REDES

O que passamos a relatar na sequência, possui relação intrínseca com o percurso da pesquisa qualitativa. Através das orientações realizadas pela Prof^a orientadora, chegamos a uma rede de pessoas que de algum modo possuíam relação com as envolvidas na produção do livro. Acreditávamos que a investigação sobre a capa do livro poderia nos conduzir a detalhes sobre a sua organização, tendo em vista as redes de sociabilidade que unem famílias e grupos em torno da tradição doceira. As questões norteadoras das entrevistas foram as seguintes: a) Qual a data da foto? b) Você consegue identificar todas as pessoas da foto? c) Por que eles usavam roupas de época? d) Qual endereço foi realizado esse jantar? e) Quem foi o fotógrafo que realizou a foto? f) Quem pintou o desenho da foto para o livro? g) De quem foi a ideia do jantar, das roupas de época, da fotografia e do livro?

Curioso apontar que todas as indicações tinham relação com a foto que motivou a criação da capa do livro. Ao total foram entrevistadas quatro pessoas, seguindo roteiro semiestruturado de questões. Destacamos que cada entrevista se constituiu

num universo particular, em que cada entrevistado aprofundava o assunto e/ou temática que mais lhe parecesse convincente. Todas as entrevistas foram gravadas e arquivadas no Museu do Doce.

Paralelamente realizamos registros fotográficos, durante duas saídas técnicas aos locais indicados pelos informantes, supostamente os prédios onde teria ocorrido o jantar que ilustra a capa do livro. No item a seguir vamos apresentar os resultados encontrados, articulando-os com o produto apresentado e publicado nas redes sociais do Museu do Doce, no mês de dezembro de 2022.

ANÁLISE DOS DADOS

Publicado pela editora Globo em Porto Alegre, Rio Grande Do Sul, no ano de 1959, com a coordenação de Amélia Vallandro e prefácio escrito por Athos Damasceno, o livro “Doços de Pelotas” (Figura 1) conta com 264 páginas recheadas de receitas de 12 doceiras que remetem a uma tradição que se afirmou na cidade de Pelotas. São elas: Alice Kramer Amaral, Arminda Mendonça Détrouyat (referência no doce de Siricaia ou Doce-de-velhas), Benilda Azevedo, Berolina Guilhermina Luschke Bammann, conhecida como Berola. Na continuidade Cecy da Costa Leite, especialista nos doces Ninho e Pastel de Santa Clara. Ainda no livro constam as irmãs Cordeiro, Maria do Carmo e Maria Isabel, filhas de Josepha de Sá Cordeiro. Além destas, participam da publicação Laura Duarte Zanotta, Maria Francisca Mascarenhas especialista nos doces Fio-de-ovos e Fatia de Braga; e Maria Almeida Collares Talavera, Maria Vizeu, representada no livro por Sara F. Adures e Yolanda Bittencourt, especialista em bolos.

São estes os nomes, considerados no momento da publicação, mais tradicionais da doçaria pelotense. Estas mulheres aprenderam a arte com a família, motivadas por afeto, ou pela necessidade. O amor e a dedicação na execução das diversas receitas de diferentes origens compõem a tradição do fazer, o que hoje é reconhecido como patrimônio imaterial do Brasil. Muitas passaram adiante, para filhas, netas, sobrinhas, amigas e aprendizes.

Figura 1— Capa do Livro “Doces de Pelotas” publicada em rede social do Museu do Doce da UFPEL.



Fonte: Instagram Museu do Doce, 2022.

O prefácio escrito por Athos Damasceno, de acordo com a professora e pesquisadora Noris Leal (2019), tem o objetivo de dialogar com a obra de Gilberto Freyre no livro "Açúcar: uma sociologia do doce", que objetivava inserir a cidade de Pelotas no mapa da tradição culinária:

O balanço sugerido pelo sociólogo pernambucano ainda não foi feito no Rio Grande do Sul, onde o assunto continua a ser conhecido apenas de ouvido. [...] Nessas condições, apurar, como recomenda Gilberto Freyre, o que possa ser apresentado como verdadeiramente nosso, em matéria de mesa e sobremesa, afigura-se-nos empresa difícil, no caso particular do Rio Grande do Sul (Damasceno, 1959, p. 45-46).

A resposta, apresentada no prefácio da obra, questiona a relação da tradição doceira com a origem portuguesa, uma vez que, nesta região, o cultivo da cana não era tão proeminente quanto no nordeste do país:

Diante de tal indigência de matéria-prima, não há outra explicação para a volumosa e variada confeitaria rio-grandense senão a proverbial lambisqueirice de nossas avós - lambisqueirice e glotonaria que já de muito se vinham traduzindo na pantagruélica divisa lusitana - COMA-LHE BEM E BEBA-LHE MELHOR! (Damasceno1959, pág. 6).

O livro conta com a divulgação de receitas consideradas tradicionais na cultura doceira pelotense, sendo organizado em seções temáticas: bolos; coberturas para tortas e bolos; cremes; doces em calda; docinhos; gelatinas; passas; pastas de frutas; pudins e; tortas.

Munidos das informações intrínsecas do exemplar, os autores publicaram na comunidade Antiga Pelotas, numa rede social (*Facebook*), em busca de maiores informações.

Foram realizados os primeiros contatos com os descendentes de alguns dos presentes no jantar, que notavelmente receberam cópia da fotografia que deu origem a ilustração da capa. O jantar, de acordo com os relatos, foi realizado em 27 de janeiro de 1947 (Figura 2), onze anos antes da publicação da primeira edição do livro.

As entrevistas tiveram início em outubro de 2022, sendo iniciada por Andreana Oliosi, no Museu do Doce. Na ocasião, a entrevistada identificou seu pai e forneceu uma noção inicial do que seria o jantar. Posteriormente o grupo entrevistou Maria Laura Zanotta Riemke em seu consultório, no dia 25 do mesmo mês, identificando todos os que participaram da festa que motivou a capa do livro: Paulo Luiz Souza, Edda Falcão, José Garcez de Moraes, Angelo Rafael Mozzillo, Maria Teresa Duarte Zanotta, Lucia Simões Lopes, Luís Carlos Oliosi da Silveira, Manoel Simões Lopes, Maria Helena Duarte Zanotta, Lais Maria Falcão, Fernando da Cunha Sparenberg, Iris Helena Falcão, Luís Carlos Duarte Zanotta, Regina Brunetta Simões Lopes Gonçalves Chaves, Paulo Luiz de Boer e ao fundo Alaíde Falcão.

Figura 2 – Imagem do Jantar em 1947. Fonte: Instagram Museu do Doce, 2022.



Fonte: Instagram Museu do Doce, 2022.

Os convidados eram jovens, filhos e filhas de famílias que pertenciam ao mesmo círculo social e econômico da cidade. Segundo os relatos, o evento foi organizado por Regina Brunetta Simões Lopes Chaves. O cardápio, redigido em francês (figura 3), incluía as seguintes iguarias: *Potage à la reine*, *soufflé au poisson*,

croquettes de viande auf petit-pois, poulets rotis au jambon, salade printemps. De sobremesa: crème royale e petits gâteaux. As bebidas foram: vin, champagne e cafe.

Figura 3 –Cardápio e convites em francês.



Fonte: Instagram Museu do Doce, 2022.

A última entrevistada, no dia 22 de novembro de 2022 foi Maria Helena Duarte Zanotta Silva, que esteve presente no jantar e pode ser identificada facilmente na figura 2, por estar em pé ao fundo da mesa. Ela lembrou o jantar com detalhes, incluindo os pratos servidos, forneceu com certeza a localização do casarão, pertencente a senhora Regina Gonçalves Chaves Simões Lopes à época, situado na esquina das ruas Voluntários da Pátria e Félix da Cunha, no centro de Pelotas (Figura 4). Foram relatados também alguns detalhes curiosos como o fotógrafo que fez o registro, Idelfonso Gomes Robles Filho e citado um baú, pertencente a Casimira Garcia Gonçalves Chaves, (avó da Regina), de onde teriam saído os trajes de época que podem ser vistos na foto conforme descreveu a senhora Maria Helena Duarte Zanotta Silva ao longo de sua entrevista.

As roupas da avó dela, ela que tinha tudo guardado, do General Ernesto, como é? O Gonçalves Chaves, aquela turma toda que tem o nome ali. Então a Regina abriu os baús da Dona Casimira e nos deu as fantasias. Eu mesma, me botaram um vestido, que eu não sei bem como é.

Com as informações sobre o local, a equipe optou por visitar o prédio para novas informações. Atualmente o imóvel está subdividido, e o salão se encontrava

desocupado, permitindo a visita e registro atualizado, que possibilitou a comparação com o espaço de outrora, cujo registro está datado no ano de 1947.

Figura 4 – Casarão onde aconteceu o jantar publicado na rede social do Museu do Doce da UFPEL.



Fonte: Instagram Museu do Doce, 2022.

Após a finalização da documentação, o grupo organizou uma série de três publicações, com o objetivo de promover a comunicação das informações pesquisadas por meio das redes sociais do Museu do Doce. Em diferentes dias foi realizada a publicação na seguinte ordem: a) “O Livro” (Figura 1), contando sobre a história do livro e das doceiras que compartilharam suas receitas; b) “História da Capa” (Figura 2, 3 e 4) e; c) “Receita da Passa de Pêssego” (Figura 5) onde a receita tradicional das passas de pêssego foi apresentada.

Figura 5 – Receita da Passa de Pêssego, publicada em rede social do Museu do Doce da UFPEL.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme indicamos no princípio deste texto, a intenção de apresentar todas as etapas realizadas para a realização da documentação museológica de um livro existente na coleção “Doceiras artesanais”, pertencente ao Museu do Doce, foi a de evidenciar a importância da pesquisa enquanto aliada no trabalho do profissional da área da Museologia.

Desejamos apontar as diferentes e mais variadas ferramentas acionadas para a construção da documentação de um objeto, que extravasa as informações contidas do bem em si, o que evidencia as múltiplas teias de vivências e significados que podem ser revelados quando nos propomos a uma investigação para além do próprio objeto.

Referências

BRASIL. **Lei Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm Acesso em 31 mar. 2023.

DAMASCENO, Athos. Prefácio. In: VALLANDRO, Amélia (coord.) **Doces de Pelotas**. Livraria do Globo, Porto Alegre/São Paulo, 1959

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma construção patrimonial: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. 2019. 291 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. O objeto de museu como documento: um panorama introdutório. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 13-36, jan./abr. 2019.

NERY, Olívia; BRAHM, José Paulo; SERRES, Juliane Conceição Primom; RIBEIRO, Diego Lemos. Segunda casa, segunda vida: A biografia dos objetos de museus. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 111-135, nov. 2020.

SOFKA, Vinos. **A pesquisa no museu e sobre o museu**. In: JELÍNEK, Jan; SLANÁ, Věra (Org.) Possibilities and Limits of Scientific Research typical for the museums.

ICOM-International Committee for Museology. **Published by the Secretarial Office of the ICOM International Committee for Museology**. Brno, Tchechoslováquia, 1978. p. 58-68.

FREYRE, G., **Açúcar**. Companhia das Letras. São Paulo, 1997. (Original de 1939).

IPHAN, **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas** (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS, Brasília, 2018.

BACH, A. N. **O Patrimônio Industrial Rural: As Fábricas de Compotas de Pêssego em Pelotas – 1950 à 1970**, 2009, 204f, Dissertação (Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas, UFPel, 2009.

BACH, A. N. **Patrimônio Agroindustrial: Inventário das fábricas de compotas de pêssego na área urbana de Pelotas (1950-1990)**.2017, 239f. Tese (Memória Social e Patrimônio Cultural) Instituto de Ciências Humanas, UFPel, 2017.

LEAL, N. M. P. M., **A trajetória de uma Construção Patrimonial: A tradição doceira de Pelotas e Antiga Pelotas na Constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. – 290 p. il. – Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2019. – Orientadora Francisca Ferreira Michelon.

MAGALHÃES, M O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL/Livraria Mundial, 1993

MAGALHÃES, M O. **Doces de Pelotas: Tradição e História**. Ed. Armazém Literário. Pelotas, 2001.

VALLANDRO, A (org). **Doces de Pelotas**, Ed Globo, Porto Alegre, 1959.

SAINT-HILAIRE, A, **Viagem ao Rio Grande Do Sul**. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros), Senado Federal, Brasília, 2002.

VAROTO, R L M e SOARES, L. A. de S. **Lendo Pelotas**. 3ªed. rev. e ampl. Ed. Universitária UFPel, Pelotas, 1997.